

## **A cidade também são as bixas: graffiti e pixo como formas de biorresistência da juventude LGBTQIAPN+ teresinense<sup>1</sup>**

Ayan Beatrix Pereira Gomes (UFPI)<sup>2</sup>

Palavras-chave: antropologia urbana; graffiti; juventude LGBTQIAPN+.

*Suicide town*

*o animal urbano  
se depara com o muro  
onde estão as árvores?  
a cidade sou eu*

*o animal urbano  
depara-se com o muro pichado*

*decifra-me ou devoro-te*

*indecifrável  
a cidade sou eu  
devorado*

*(Alex Sampaio Nunes, 2020)*

Em dezembro de 2021, durante o Festival Stouradas no Centro Multicultural Stouradas<sup>3</sup> - após uma roda de conversa em que eu, até o momento ainda estudante de psicologia, dialoguei sobre Saúde Mental LGBTQIAP+ na companhia de uma psicóloga cisgênera branca bissexual e outro estudante de psicologia negro cisgênero bissexual -, Alex Sampaio, homem cisgênero branco heterossexual e escritor piauiense, me presenteou com a segunda edição do seu livro “Ressuscito na Cidade Suicida” (2017).

Nesse momento, conversamos um pouco sobre as similaridades que havia nos escritos do seu livro e o que foi comunicado durante a roda. Embora ele não seja uma pessoa LGBTQIAPN+, o mesmo vivencia a Cidade Suicida quando nos seus escritos narra, por meio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Mestrante em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí.

<sup>3</sup> O Centro Multicultural Stouradas resistia na Rua Lizandro Nogueira no centro de Teresina e ocupava uma casa que faz parte do patrimônio arquitetônico da cidade. Foi um espaço destinado à informação, entretenimento e cultura à comunidade LGBTQIAP+. Idealizado pelo produtor cultural Richard Henrique, o Centro fez parte das conquistas do Movimento Stouradas, que surgiu em 2017. O Centro foi um espaço de celebração e ocupação de patrimônios culturais. O Festival Stouradas, fez parte da comemoração da criação do Centro e ocorreu entre os dias 12 e 28 de dezembro de 2021 com palestras, feiras, exposição artística, intervenções e festas. (Stouradas, 2024)

das vivências particulares e olhar curioso, uma cidade que vive em meio ao abandono dos seus habitantes, das casas/prédios, do patrimônio, do Poti e do Parnaíba (rios da cidade), dos animais e da vegetação.

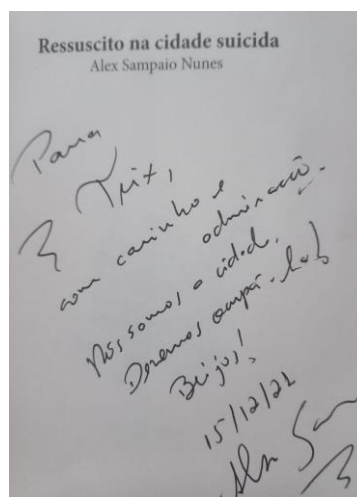
Nas palavras da saudosa Maria Sueli<sup>4</sup> no prefácio do livro:

“a cidade suicida, que não alimenta o sonho de ressurreição, que não muda para si, a que não tem consciência de si para si, é esta que tem pertencimentos rompidos, negados pelas desigualdades que a atravessam, que formam obstáculos ao pertencimento à cidade para os que estão na hierarquia de cima e para os que estão na de baixo, estes totalmente despidos daquilo que é considerado dignificação do ser humano para vivenciar o pertencimento pleno [...] Em ‘suicide town’, o eu lírico traz a imagem dos impedimentos de pertencimento á cidade e a fusão entre território e eu lírico como um único pertencimento é retomada, em que o impedimento é devorado pelo pertencimento! A cidade sem o pertencimento é o ser devorado.” (p. 12-13)

A cidade de Teresina, assim como a Esfinge de Tebas<sup>5</sup>, impõe enigmas ou melhor, obstáculos para aqueles que não devem pertencer a ela. Tal pertencimento é atravessado por desigualdades de raça, gênero, classe e corporalidades. De modo que quando não se pertence, paga-se com a própria vida. E é em meio a estratégias e buscas a outros pertencimentos possíveis que a juventude teresinense recria, disputa, ocupa, transforma a cidade.

Imagem 1 - Dedicatória

*“Para  
Trix,  
com carinho e  
admiração.  
Nós somos a cidade.  
Devemos ocupá-la!  
Beijos!  
15/12/21”*



Fonte: própria autoria.

<sup>4</sup> Maria Sueli Rodrigues de Sousa foi advogada, professora, pesquisadora e defensora dos direitos humanos. Atuando principalmente junto às comunidade quilombolas contra o avanço das políticas de desenvolvimento no Estado que violam os direitos dos povos tradicionais. Utilizo saudosa, pois Sueli foi minha orientadora ao longo de muitos anos enquanto ainda cursava Direito na Universidade Federal do Piauí e também coordenadora de alguns projetos de extensão popular que participei.

<sup>5</sup> Na mitologia Grega, era uma estátua representada com a figura de um leão alado com cabeça de mulher, e que trazia a fome a destruição para as cidades. A esfinge questionava as pessoas em Tebas por meio de um “Decifra-me ou Devoro-te” seguido de um enigma.

Nesse ensaio, tenho como objetivo evidenciar o Graffiti e o Pixo<sup>6</sup> como formas de Biorresistência de uma juventude LGBTQIAPN+ que disputa a cidade e tenta sobreviver em uma Cidade Suicida, a partir de diálogos com o livro de Alex Sampaio, minhas experiências de graffiti com a Bixaria Crew<sup>7</sup> e o pixo-denúncia na Estação Ferroviária de Teresina. Como percurso metodológico, destaco sobre o surgimento da Bixaria Crew, a morte de Palloma do Amaral, os pixos que surgiram na Estação Ferroviária de Teresina, os quais nomeio de pixos-denúncia, três matérias de portais de notícia da cidade: um sobre a morte de Palloma (dezembro de 2023) e dois sobre os pixos na Estação (janeiro de 2024), e também dialogo sobre uma intervenção da Bixaria que ocorreu em janeiro de 2024 e outro momento em que risquei sozinha pelo bairro em que resido, também em janeiro do mesmo ano.

Nesse trânsito, utilizo Agier (2011) para o conceito de rede ao comentar sobre conexões que possibilitaram o surgimento da Bixaria Crew e converso sobre formas de fazer cidade a partir do graffiti e pixo; com Rogério Proença Leite (2002), as noções de lugar, uso e contra-uso dos espaços públicos; com Alexandre Barbosa Pereira (2020), adentro na discussão sobre pixo, biorresistência e necropolítica em diálogo com as vidas precárias de Butler (2019), a heterossexualidade necropolítica de Preciado (2020) e a cisnormatividade como dispositivo do Biopoder (Foucault, 2008 ; Goulart e Nardi, 2022).

### **Nomear o Lar, Juntar as Bixas e Disputar a Cidade!**

Sou uma pessoa branca, não-binária transmasculine, bissexual, demissexual e não-monogâmica. Filha de professora e professor. Resido no Mocambinho, um bairro popular. Formada em psicologia, atuo como psicoterapeuta, estou mestrando em Antropologia, mas também ousa me aventurar na arte (poemas, ilustrações, graffiti, pixo) e na produção cultural, assim como também construo alguns coletivos pelos direitos das pessoas LGBTQIAPN+.

Nasci e me criei em Teresina, capital do Piauí. É comum nos meus ciclos (amizades, profissão, militância, produção artística, universidade) a verbalização de que Teresina não possui atrativos de lazer e culturais para a juventude ou de que é uma cidade conservadora. São poucos os lugares que circulo para lazer, a maioria são espaços alternativos, *queers* ou da cena

---

<sup>6</sup> Existe distinção entre “grafite” e “graffiti”, “picho” e “pixo” sendo as grafias graffiti e pixo termos comumente usados por graffiteiros e pichadores.

<sup>7</sup> Grupo de graffiteiros e/ou pixadores. Cada crew possui um nome e identidade própria, assim como suas formas de ocupar a cidade e realizar encontros e rolês.

hip hop. Sendo que meu lugar favorito: Centro Multicultural Stouradas, está fechado desde o dia 01 de janeiro deste ano (2024) por falta de apoio público e privado.

Foi ainda naquele mês de dezembro do ano de 2021, durante aquela roda sobre saúde mental, que disse ao Richard (dono do espaço) que durante o Festival, aquele lugar foi um refúgio e tornou-se lar junto às pinturas, histórias e afetos compartilhados. Para pessoas LGBTQIAPN+, em especial pessoas trans, o Lar acaba assumindo significados diferentes, nem sempre a casa é acolhedora, sendo um lugar de casos de violência e violações de direitos humanos contra às infâncias e juventudes trans (Benevides, 2024). Para essas pessoas, é muitas vezes na rua e em espaços com quem compartilha das mesmas angústias e sonhos que o lar vem a ser nomeado.

Desta forma, a casa que foi sede do Stouradas, foi um dos meus poucos lugares em Teresina, transformando-se num território singular de afetos e memórias. Utilizo lugar conforme Leite (2002):

“determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente. Um lugar é, assim, um espaço de representação, cuja singularidade é construída pela “territorialidade subjetivada” (Guattari, 1985), mediante práticas sociais e usos semelhantes”. (Leite, 2002, p 123)

Hoje, o Movimento Stouradas permanece enquanto Plataforma multicultural itinerante, mas o Centro Multicultural Stouradas não existe mais, assim como boa parte dos espaços voltados para pessoas LGBTs que não conseguiram permanecer vivos estruturalmente, mas que seguem (ou não) ocupando e disputando esporadicamente a cidade de outras formas. Retomo aqui, a Cidade Suicida, que não garante a permanência desses espaços, que aos poucos pressiona pelo fechamento das portas e impede que haja possibilidades diversas de lazer para determinado público.

O Centro Multicultural Stouradas reapropriava um casarão no centro da cidade, antes usado como estacionamento. Naquele lugar, realizei e frequentei rodas de conversa, participei de festivais diversos, fiz pela primeira vez um graffiti numa parede (Imagem 2), organizei mutirão de retificação de nome e gênero para pessoas trans, dancei, beijei, sorri e chorei.

Falo aqui do Stouradas porque para mim é um lugar central para entender a rede de bixas artistas (ou não) que foi sendo fortalecida e também criada até que em algum ponto dessas conexões, anos depois, surgisse a Bixaria Crew. No Stouradas me conectei com bixas<sup>8</sup> que

---

<sup>8</sup> Palavra comumente usada como forma de “xingamento”, mas dentro do contexto de grupos LGBTQIAPN+, é comum o uso de “bixa” para referir-se a pessoas com características ou performances femininas ou assume um lugar universal de interlocução com toda e qualquer pessoa dissidente inserida no meio.

viriam a fazer parte da Bixaria, principalmente por intermédio de Potiza<sup>9</sup> (meus primeiros graffitis e pixos foram ao lado dela).

A noção de rede (Agier, 2011) é conceito de fundamental importância para a Antropologia da Cidade, pois é por meio dela que há a possibilidade de mobilidade e movimento pelas situações em espaço urbano. De tal modo que a cidade passa a ser compreendida como vivida, sentida e em processo.

Imagem 2 - “A Criação da Travesty”. Graffiti feito por mim (persona na nuvem), Potiza (olhos) e Yago (travesty cyborgue) na entrada da Galeria do Centro Multicultural Stouradas.



Fonte: próprio autore.

Em maio de 2023 nasceu a Bixaria Crew (BxR), quando um grupo de pessoas LGBTQIAPN+ da cena do graffiti teresinense sentiram a necessidade de marcar rolês para pintar e riscar juntas, sem a presença de homens cisgêneros heterossexuais. A BxR é um grupo de graffiteiros e pixadores composto por pessoas LGBTQIAPN+ que denominam-se e reconhecem-se como “bixas”.

Em janeiro de 2024, a crew era formada organicamente por 13 (doze) pessoas de diversos gêneros (mulheres cis, mulheres trans, travestis e não-binárias), sexualidades (bissexual, assexual, pansexual e heterossexual) e identidade racial (brancas, negras e pardas), com faixa etária que varia dos 17 (dezesete) aos 27 (vinte e sete) anos. O nome Bixaria surgiu por meio de uma brincadeira com a palavra “bicha/bixa”. Desde o início da crew, foram realizadas

---

<sup>9</sup> Ao longo do ensaio, irei me referir às pessoas que fazem parte da Bixaria a partir dos seus respectivos nome de graffiteiros (tags, apelidos, como são reconhecidas nas ruas/na cena de graffiti).

algumas intervenções pela cidade, desde Vandal Art (graffiti vandal e pixação) a mutirões e oficinas de graffiti em espaços autorizados.

### **“Quem matou Palloma?”: o pixo-denúncia na Estação**

Palloma caminhava e sobrevivia nas margens da cidade suicida que desumaniza corporalidades travestis e pretas e nega a elas o direito à vida. Palloma foi assassinada em dezembro de 2023 com pedradas na cabeça. Em 2021, Palloma havia sido vítima de tortura dentro do porta malas de um carro após furto em residências de um bairro da zona norte da capital, o vídeo das agressões/humilhações foi amplamente divulgado nas redes da cidade enquanto ela era nomeada no vídeo e em alguns portais como alguém do gênero masculino.

“a pessoa trans é representada como uma espécie de exilado que deixou para trás o gênero que lhe foi designado ao nascer (como quem abandona sua nação) e procura ser reconhecido como cidadão potencial de outro gênero. O estatuto da pessoa trans é, em termos políticos-legais, semelhante ao do migrante, do exilado e do refugiado. Todos eles se encontram num processo temporário de suspensão de sua condição política [...] a falta de reconhecimento legal e de suporte biocultural nega soberania aos corpos trans e migrantes, situando-os numa posição de alta vulnerabilidade social. Em outras palavras, a densidade ontológica-política de um corpo trans ou de um corpo migrante é menor que a de um cidadão cujo gênero e nacionalidade são reconhecidos pelas convenções administrativas dos Estados-nações onde habita” (Preciado, 2020, p 221-222)

Ao ler uma notícia no GP1 sobre a morte de Palloma (Mata, 2023), me deparo com a seguinte frase de Marinalva, fundadora do Grupo Matizes<sup>10</sup>: “Mesmo que a vida nunca tenha sorrido para Paloma, ela estava sempre com um sorriso no rosto”. Entendo, a partir dessa frase que mesmo diante das intempéries e violações de direitos a que era submetida cotidianamente, Palloma não baixava a cabeça, ela seguia em frente numa intensa disputa pelo direito de ir e vir livremente e com um sorriso no rosto ao andar.

Em janeiro de 2024, surgiram alguns pixos na Estação Ferroviária, dentre eles haviam alguns com as mesmas indagações: “Quem matou Palloma? O Estado”. Logo, os pixos na Estação viraram notícia em alguns portais. No portal de notícia da Cidade Verde, o que chama a atenção na matéria sobre os pixos é a degradação ao patrimônio público que está sendo restaurado, um investimento de mais de 12 milhões de reais feito por uma empresa do Rio de Janeiro (que não é identificada) em consequência de uma autuação do Instituto do Patrimônio

---

<sup>10</sup> Grupo piauiense voltado para a defesa dos direitos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Foi fundado em maio de 2022. O Matizes organiza a Semana do Orgulho de Ser e a Parada da Diversidade em Teresina (Matizes, 2021).

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) por destruição de sítios arqueológicos no sul do Piauí (Moreno, 2024).

Imagem 4 - Pixos na Estação Ferroviária de Teresina.



Fonte: CidadeVerde

No perfil de notícias do instagram Opiaiense, a foto do pixo sobre a morte de Palloma é usado como imagem da postagem, e pede-se pela prisão de pixadores e o tratamento com o máximo rigor da lei por julgar-se ser um crime que prejudica toda a sociedade. Sobre a denúncia na parede relativa à morte de Palloma, não se fala. O pixo é o vandalismo. A morte de mais uma travesti, não. Destarte, o pixo instiga em atribuições de sentido aos usos da Estação Ferroviária, o que constitui esse local enquanto um espaço público, ou seja, um lugar dos dissensos, em que as diferenças são publicizadas e confrontam-se (Leite, 2002), em que há a expressão de múltiplas formas de agir urbano (Agier, 2011).

Em 2023, o Brasil manteve a primeira posição, pela 15 vez, no ranking de países que mais matam pessoas trans. Segundo a ANTRA, houve aumento de mais de 10% nos assassinatos de pessoas trans em comparação a 2022. Foram 155 casos, destes 145 assassinatos e 10 pessoas trans suicidadas, sendo que a maioria das mortes foram contra travestis e pessoas negras. Assim como nos anos anteriores, o que se observa nos casos é a manutenção do requinte de crueldade nas mortes (Benevides, 2024).

Conforme Foucault (2008), o Biopoder corresponde a como as sociedades ocidentais modernas passam a levar em conta as questões biológicas como fundamentais para o controle das populações. De tal modo, que é o poder exercido sobre a população, no qual a cidade seria um meio em que o Estado se apoia para exercê-lo. Segundo Goulart e Nardi (2022), no que tange às questões de gênero, pode-se pensar na cisnormatividade enquanto um mecanismo ou estratégia de controle e exercício de poder sob os corpos. Haja vista que essa normatividade aliada a binariedade foi tomada como discurso de verdade e responsável pelos processos de patologização dessas existências, sujeitando-os a correções e demarcações do que seria “normal”. Logo, a cisgeneridade seria a normalidade e a transgeneridade o desvio, o patológico, o imoral, o defeituoso, o ilegítimo, o indesejável.

Para Butler (2019), o poder sobre uma população é feito a partir da definição de quem é compreendido enquanto humano ou “sujeito” e quem não é. Butler, desta maneira, questiona quais as vidas vivíveis e quais as vidas passíveis de luto, assim como os processos de desumanização ao qual algumas pessoas estão submetidas. Consoante a isso, pode-se afirmar que a constituição de “sujeito”, no ocidente, se dá a partir da ótica branca, masculina, cisgênera, heterossexual, sem deficiência e de classe média/alta, ao passo que vidas como as de Palloma são precárias, subalternas. Ainda com base em Achille Mbembe (2018), ao pensar uma necropolítica, as vidas travestis e trans, quando negras principalmente, são consideradas matáveis.

“A carência de políticas públicas eficientes para as populações de pessoas trans e travestis, especialmente negras, não se trata de apenas uma negligência, mas de um matar como crime de Estado; falamos, portanto, de políticas de morte, voltadas para o extermínio dessas populações” (Goulart e Nardi, 2022, p 29)

Ademais, Preciado (2020), articula uma categoria que denomina de heterossexualidade necropolítica, uma prática de governo, não escrita, que pré estabelece as posições dos homens (cis) e das mulheres através de uma regulação interna formada por códigos e gestos, configurando-se assim, como um regime. Neste, a soberania dos homens (cis) está condicionada ao uso legítimo da violência (dar a morte) e a soberania das mulheres (cis) a capacidade de parir (dar a vida). Assim para esse regime, toda e qualquer pessoa que seja dissidente da norma não será reconhecida como homem ou mulher. Mulheres trans e travestis, para esse regime, não serão mulheres e por não serem a violência legítima dos homens sobre elas é potencializada.



## Salve Palloma! Salve Muri, Potiza, Quale, Pancs, Lore, Pubah, Animal, Radar, Sabino, Pohema, Jojo e Profundo<sup>11</sup>! Salve as Bixas!

O primeiro momento com a Bixaria diz respeito a um dia no início de janeiro que nos propomos a pintar na zona leste, próximo a casa de Pancs e depois fazer uma guacamole recheada de fofoca após a pintura. A casa de Pancs foi o ponto de encontro. Éramos Quale, Potiza, Pancs, Muri, Lore e eu. Cada uma levou o material que tinha disponível e descemos caminhando para o terreno abandonado que viria a ser ocupado com nossas personas e riscos.

Ao chegar lá, avaliamos o local, retiramos um pouco do mato que cobria algumas telas, cada uma demarcou seu espaço, misturamos as tintas e pigmentos, Potiza ligou a caixa de som e iniciamos os desenhos. Nesse dia também tivemos a companhia de uma amiga (mulher cis) de Lore que chegou pouco tempo depois do início da ocupação. Após terminar meu Bomb, vi que Potiza estava pixando outros espaços no mesmo muro, peguei meu spray e acompanhei. Fizemos xarpis e duas frases: “Salve as Bixas!”, “Salve as os es Trans”. Quando terminei, ofereci o spray para Pancs e logo em seguida para Muri. A medida que cada uma ia terminando seu desenho, dava-se início aos pixos. Finalizamos os trabalhos e seguimos para casa a fim de fazer a Guacamole e conversar ainda mais.

Imagem 3 - Grafittis e Pixos da Bixaria na Zona Leste de Teresina.



Fonte: Próprie autore.

---

<sup>11</sup> Integrantes da Bixaria.

Destaco que as duas frases pixadas podem ter duas leituras: 1) afirmação e clamor para que todes estejam atentes e em defesa das vidas das bixas e das pessoas trans; 2) como homenagem e dedicatória às bixas e às pessoas trans. No graffiti e no pixo, chamamos de “salve” os apelidos de pessoas ou nomes de companheiros de crew ou de rolê ou de afetos/amores que colocamos ao lado ou incorporado aos desenhos ou pixos, uma forma de dizer que aquelas pessoas foram lembradas ou que motivam ou impulsionam o ato de riscar pelas ruas. Nesse período, fazia menos de 1 (um) mês que Palloma Amaral havia sido assassinada.

Assim, o pixo-denúncia na Estação Ferroviária, grita em tons verdes na parede a barbárie contra o corpo de Palloma e evidencia a política de morte do Estado contra corpos travestis e trans, da mesma forma que os pixos da Bixaria clamam pelas vidas das bixas e das pessoas trans.

Para Alexandre Pereira (2020), ao riscar os pixadores evidenciam suas vidas precárias e utilizam o pixo como forma de visibilização e de denúncia às violências a que são submetidos. Ainda segundo ele, a pixação lembra que há vida, mesmo diante de uma cidade devastada pela necropolítica. A pixação também constitui-se como tática.

“As táticas, quando associadas à dimensão espacial do lugar, que tornam vernacular, constituem-se em um contra-uso capaz não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, como também de possibilitar que o espaço que resulta das “estratégias” se cinda para dar origem a diferentes lugares, a partir da demarcação socioespacial da diferença e das significações que esses contra-usos realizam” (Leite, 2002, p 122)

A outra intervenção que gostaria de destacar aqui é de um dos grapixos que fiz em uma tarde de Domingo, início de fevereiro, que saí sozinho para testar um novo persona. Já fazia alguns dias que estava com uma ansiedade que não passava, ajeitei às tintas, levei duas cores prontas (azul e rosa), além do branco, para otimizar o tempo, limpei os pincéis, peguei uma garrafa de água mineral gelada, uma garrafa com água para diluir as tintas, coloquei tudo na mochila, subi na *bike* e fui atrás de uma tela.

Ainda perto de casa, achei um muro com um letreiro apagado em terreno abandonado. Iniciei o desenho. Ao terminar, senti a vontade de deixar um recado escrito, para além do persona. Elu fala: “+ 1 domingo, bixa!”. Representa, assim, a contagem de um tempo que ainda não se findou.

Imagem 5 - Grapixo “+ 1 domingo, bixa”.



Fonte: própria autore

Em seu artigo, Alexandre Barbosa Pereira (2020), tendo como base Valenzuela Arce, denomina de biorresistência a ousadia e irreverência das práticas de pixação na cidade de São Paulo, na qual a juventude cria rupturas numa cidade erguida pela necropolítica, ao tomar a agência dos seus próprios corpos enquanto territórios de resistência e visibilizar os dissensos políticos por meio das marcas deixadas na cidade. Seja nos graffitis e pixos da Bixaria, seja no pixo da Estação, seja no persona acima, pode-se perceber essas intervenções como Biorresistência de uma juventude que agencia e retoma a autoria de suas próprias vidas (Pereira, 2020).

Nesse trabalho, o que se propôs foi pensar os modos de fazer cidade a partir do graffiti e do pixo. E como essas duas práticas de intervenção urbana atuam como forma de Biorresistência para uma juventude LGBTQIAPN+ que ousa viver em uma cidade regida pela necropolítica, a qual chamo aqui, tendo como referência o escritor Alex Sampaio, de Cidade Suicida. A cidade que devora a si mesma e os seus habitantes, que também não garante a permanência de espaços voltados para o acolhimento de pessoas LGBTQIAPN+.

Por meio do graffiti e do pixo, os quais compreendo como táticas, a juventude ocupa os espaços e transforma o uso dos lugares públicos, assumindo para eles novos sentidos e significados, agindo assim, de maneira contra-hegemônica, possibilitando os dissensos políticos. A Bixaria e a juventude LGBTQIAPN+ disputa a cidade por meio dos sprays e tintas. O muro da Cidade Suicida, agora pintado por essas bixas, não mais decifra ou devora, o muro grita, celebra mais um dia de vida ou mais um domingo para se viver. O muro é um local em que se faz disputa pela vida e denuncia mortes na cidade. O muro diz que a cidade também são as bixas. É preciso ocupá-la!

## Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações e movimentos. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FOUCAULT, Michel, “Primeira aula”. In: **Segurança, Território, População**, SP: Martins Fontes; 2008.

LEITE, Rogério Proença. "Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown". **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n.49, 2002, p. 115-134.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. n-1 edições: São Paulo, 2018.

MATA, Leona da. Travesti é espancada até a morte em Teresina; vítima havia sido torturada em 2021. **GP1**, Teresina - PI. 2023. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2023/12/11/travesti-e-espancada-ate-a-morte-em-teresina-vitima-havia-sido-torturada-em-2021-561171.html>. Acesso em: 17 fev. 2024.

MATIZES. **Home**. Matizes, 2021. Disponível em: [matizes.org.br/site/](https://matizes.org.br/site/). Acesso em: 17 fev 2024.

MORENO, Breno Estação Ferroviária é alvo de vandalismo após conclusão parcial de restauração milionária. **Cidade Verde**, Teresina -PI. 2024. Disponível em:

<https://cidadeverde.com/noticias/407823/estacao-ferroviaria-e-alvo-de-vandalismo-apos-conclusao-parcial-de-restauracao-milionaria>. Acesso em: 17 fev. 2024.

NUNES, Alex Sampaio. **Ressuscito na cidade suicida**. 2 ed. Teresina: Desenredos, 2020. Opiauiense. [Sem Título]. Teresina. 12 fev. 2024. Instagram: @opiauiense. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3PyUvQObKs/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Marcas de vida na paisagem de São Paulo: a “pixação” como epítáfio de uma cidade vandalizada”. **Revista de Estudos Sociais**, núm. 72, 2020.

PEREIRA GOULART, V.; CAETANO NARDI, H. Vidas inimigas, necropolítica e interseccionalidade: da exclusão na educação ao suicídio/assassinato de pessoas trans. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2022. DOI: 10.9771/re.v11i1.45614. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45614>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas de travessia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.